



Neamp

Nota dos editores

Rafael Araújo

Silvana Martinho

Neste número da Revista Aurora, procuramos ampliar o debate a cerca da relação entre a música e a política. Em *Cartas a Peter Gast* (1888), Nietzsche escreveu que “A vida sem a música é simplesmente um erro, uma tarefa cansativa, um exílio”. Nessa visão, o filósofo coloca a música como um parâmetro estético e a vincula diretamente à vida, dando ênfase a uma aproximação percebida por cada um durante a experimentação artística. Todos ouvem música, uns mais, outros menos. Para algumas pessoas, a música deve estar sempre presente, às vezes apenas como trilha sonora para uma atividade cotidiana. Para outras pessoas, os deslocamentos pela metrópole seriam insalubres sem a música. Quantos não têm na música um pretexto de socialização, um motivo de agremiação! É possível pensar as músicas adequadas para cada situação, para cada pessoa. Lembramos de filmes ao ouvir suas músicas, lembramos de situações que vivemos em que estava lá determinada música.

Se essa forma artística é tão potente, tão próxima dos homens e de seus sentimentos, temos de considerar seu potencial político. Vemos a importância de uma música para uma campanha publicitária ou de marketing eleitoral. Sabemos o papel de exaltação dos ânimos que tem a música em meio à reunião, durante a passeata. A bem da verdade, trata-se de uma forma sofisticada de comunicação, capaz de falar pela emoção e pela razão. É também uma forma de comunicação extremamente popular, porque a qualquer humano a música comunica. Mesmo àqueles que não escutam.

Mas é preciso também dizer que a música também tem seu caráter racional, matemático, lógico, como bem mostrou Max Weber em um ensaio escrito por volta de 1911, *Os Fundamentos Racionais e Sociológicos da Música*. Ali, esse notável sociólogo e economista inaugurava uma sociologia da música, avaliando o papel de seus elementos racionais e suas consequências para a sociedade. Se a música é esse elemento que transita entre a razão e a emoção, se de fato vemos as suas implicações e envolvimento com o cotidiano dos homens, então aproximar música e política implica um exercício de conhecimento do homem e de sua sociabilidade. Um exercício assim, nunca é demasiado.

Aurora publica aqui os esforços de pesquisadores atentos a esse fato. A historiadora Adriana Santoleri Villa Barbeiro recupera o referencial da Escola de Frankfurt para desenvolver uma análise sobre a música popular brasileira. Dalva Silveira, do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, faz uma análise da histórica música de Geraldo Vandré,



Neamp

Caminhando, percorrendo os elementos que a tornaram um marco importante de resistência durante a ditadura militar brasileira e um símbolo da luta contra a opressão.

Mario Luis Grangeia faz uma avaliação da relação entre a arte e a política a partir da análise das músicas e discursos de dois grandes nomes da música brasileira, Renato Russo e Cazuza. O texto evidencia a influência desses textos durante o período de redemocratização nos jovens da década de 80. Outro estudioso da música, Acauam Silvério Oliveira faz uma avaliação da obra de Roberto Carlos apontando algumas das características de sua obra que indicam sua importância no cenário musical brasileiro. Rafael Araújo e Igor Fediczko recuperam o clássico texto de Adorno sobre o fetichismo da música e desenvolvem uma análise sobre o impacto da regressão da audição a partir da presença dos arquivos “.mp3” na cena musical. Marcus Ramúsy escreve a respeito do movimento reggae no estado do Maranhão, avaliando um caso específico de relação entre a música popular, a mídia e a política. Ivan Fortunato faz uma análise das letras de Raul Seixas procurando compreender os vínculos estabelecidos com um público que atravessa gerações.

Os artigos permitem ao leitor da revista uma visão ampliada da importância da música para o cotidiano social. Os casos selecionados pelos autores são de artistas conhecidos, cujas histórias pessoais se desenrolaram ao longo da história recente do país. Trata-se de uma oportunidade de verificar em que medida coisas ordinárias, como a música do rádio, podem se transformar em extraordinárias a partir da análise argumentativa, da exposição de idéias e do confronto da arte com o pensamento.

Aurora ainda publica nessa edição o texto de Luis Fernando Zuliatti, que analisa as xilogravuras de Goeldi e seus aspectos técnicos. A coluna de Rodrigo Estramanho avalia a evidente relação política que constitui um hino nacional. Sua análise do hino brasileiro recupera uma postura política que justifica sua letra, mas também recupera uma análise social da nação evidenciando contrastes e semelhanças entre a música e a realidade. Rodrigo Estramanho ainda assina a poesia com Silvana Martinho, que dessa vez vem em forma de letra que aguarda a música. As imagens são de Edilson Pereira, sob o título "Tempo Santo – uma festa em Ouro Preto". Por fim, o professor e crítico musical Carlos Rogério Duarte Barreiros assina a entrevista realizada com diferentes produtores, escritores e compositores da cena musical independente, além da pesquisadora e professora da Unifesp, Márcia Tosta Dias, compondo um mosaico surpreendente.